

JOSÉ CARLOS AZEVEDO

Em matéria política, coisa que muda como as nuvens, a futurologia tem pouca utilidade. Em 1927, Oswald Spengler, no seu então famoso estudo **Der Untergang Des Abendlandes**, dissertou sobre a decadência do Ocidente, região onde estão hoje as nações mais ricas e desenvolvidas. Os exemplos são inúmeros e o próprio Raymond Aron, que em 1977, em seu famoso livro **Plaidoyer Pour L'Europe Décadente**, afirmou que "... dois espectros rondam a Europa: a liberdade e o Exército Vermelho", não pôde prever que a ciência e a tecnologia do Ocidente fariam esboçar o mundo comunista e comprovar a maior farsa e tirania da História da humanidade. No que se refere ao Brasil, entretanto, a futurologia é quase uma ciência exata.



O progresso cultural das nações desenvolvidas — coisa que só não previram os nacionalistas de segunda classe, aqueles que pensam que a riqueza das nações está no subsolo, e não na cabeça de seus filhos — pune cada vez mais o Terceiro Mundo, porque as faz independentes de riquezas naturais. Nos anos 80, por exemplo, o PIB da Europa Ocidental cresceu 25%, mas o consumo de energia subiu uns minguados 5%.

O que mais pode prever a futurologia para um país como o Brasil, onde a miséria e a concentração de renda são alarmantes, onde mais de 75% da população não tem seis anos de escolaridade e as endemias próprias do subdesenvolvimento ressurgem agora, vindas do século passado? Onde a roubalheira, a imoralidade e a decadência dos costumes são alarmantes, mas integram o cotidiano, enquanto milhares de brasileiros emigram, em busca de melhores condições? É claro que nosso país merce juízos depreciativos que dele fazem no Exterior.

"Felix qui potuit rerum cognoscere causas" — feliz quem pôde conhecer a razão das coisas. Mas quem, em tantos governos, ou desgovernos, poderia ignorar que a inexistência de um sistema educacional levaria o Brasil aos tristes dias de hoje? Que esperar de uma Nação onde a ciência é desamparada, as universidades são cabides de empregos e a farsa acadêmica é comum? Onde o ensino de base ruiu, muitos de seus professores nem têm essa escolaridade e o analfabetismo é crescente? Que esperar dos que hoje têm caras pintadas e idéias ocas, exceto que, no futuro, quando forem chamados a dirigir a Nação, continuarão a tê-las?

O Brasil mudará somente quando for restaurada a confiança nos homens públicos, há tempos perdida, em particular na classe política; quando houver uma profunda reforma do ensino, não essa pseudo Lei de Diretrizes e Bases que acaba

de chegar ao Senado, tampouco a outra ali gerada. Mobral, Cieps, Ciacs, universidades oficiais de fim de semana são apenas monumentos oficiais erigidos às nossas mazelas. Que solução deram no Rio de Janeiro os luminares da alta pedagogia à alarmante questão da repetência, que ultrapassa 50% na primeira série do primeiro grau? Instituíram a aprovação automática, o que só merece um comentário: insensatez.

Só os que têm má-fé — ou não têm coragem moral — ignoram que os 300 mil alunos das nossas universidades públicas, que estudam de graça, custam tanto quanto os 22 milhões de alunos de primeiro grau, em todos os níveis — estadual, federal e municipal. Só eles não sabem que os menores abandonados existem porque os governantes, desde o Império, se recusam a corrigir as mazelas de nossa Educação. Na universidade mais cara dos EUA, a Caltech, a matrícula anual custa US\$ 106 mil. No país mais rico do mundo, o rico paga para que o pobre possa estudar. Mas no Brasil é o pobre que paga imposto para o rico estudar de graça em universidade pública. E viva o povo brasileiro.

Enquanto isso, o Conselho Federal de Educação cria universidades aos magotes e se cala diante dessa irresponsável construção de escolas, apesar de ninguém desconhecer que 95% das crianças de sete a 14 anos estão matriculadas (muitas em escolas péssimas). O problema da educação brasileira não é construir pré-

dios, que servem mais a fins eleitorais e estatísticas governamentais. Trabalhos recentes, de autoria do dr. S. Costa Ribeiro e da Fundação Carlos Chagas, corrigem interpretações oficiais antigas e consolidadas sobre a evasão e a repetência na escola de primeiro grau. Elas comprovam que a repetência é alarmante, mas a evasão é diminuta. Os dados corretos demonstram com certeza a falência da escola de primeiro grau, mas os que usam os números errados com eles justificam a construção de prédios. Aliás, num de seus trabalhos, o dr. Costa Ribeiro diz que é difícil saber para onde vai cerca de um terço das verbas oficiais para a Educação.

Sob o patrocínio de instituições estrangeiras, altamente capazes, um estudo recente analisa os níveis de conhecimentos de Matemática dos estudantes de 20 países. É fácil ao leitor concluir, à luz do que sabe sobre nossas mazelas educacionais, quais os países que ficaram nos três últimos lugares. São Portugal, Brasil e Moçambique, nessa ordem.

Enquanto isso, burocratas solenes, cheios de verbas públicas, cuidam dessa integração "lusofônica" de crases, cedilhas, tremas e outras transcendências, ignorando que a língua inglesa é fértil e rica porque não há ninguém tomando conta dela.

■ José Carlos Azevedo, doutor em Física pelo MIT, membro da Academia Brasileira de Letras, foi reitor da UNB